

Inteligência Artificial e as modificações nas rotinas produtivas dos trabalhos das redações do Piauí¹

Orlando Mapesurício de Carvalho Berti²
UESPI – Universidade Estadual do Piauí (Teresina – PI)

RESUMO

Destaca-se sobre as mudanças das relações de trabalho redacionais das principais empresas jornalísticas do estado do Piauí principalmente depois da implantação e utilização massiva de sistemas de Inteligência Artificial generativa no trabalho de mediações informacionais. Por meio de etnografia das redações destaca-se sobre o acompanhamento de um ano desses processos e suas modificações e reflexões para a contemporaneidade jornalística, não só da realidade piauiense, mas também da própria realidade brasileira.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo; Inteligência Artificial; trabalho; redação; etnografia das redações.

Introdução

O Jornalismo, enquanto profissão, e também área profissional tem sofrido (como em toda sua história) uma série de mudanças, inclusive algumas históricas, sejam elas por conquistas sociais ou forçadas pela inserção de novas modalidades e maneiras de vivenciar as mediações.

Um paradoxo do próprio jornalismo atual, desta terceira década do século XXI, é tentar informar mediante a sensação de haver informações a cliques e tidas como elementos informativos, mas balizados pelos sistemas internéticos, conjurados com a sensação de estarmos cada vez menos informados, mesmo havendo tantos meios e formas de nos informar.

Enquanto jornalista por formação, vivenciando questões de mediações informacionais em praticamente dois terços de minha vida e enquanto docente e

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Trabalho, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor efetivo (Adjunto IV – DE) dos cursos de Bacharelado em Jornalismo da UESPI – Universidade Estadual do Piauí, campus Poeta Torquato Neto (em Teresina – PI) e Professor Barros Araújo (em Picos – PI). Pós-doutor em Comunicação, Região e Cidadania pela UMESP – Universidade Metodista de São Paulo. Doutor e Mestre em Comunicação Social pela UMESP, com estágio doutoral na UMA – Universidad de Málaga, na Espanha. É líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação Alternativa, Comunitária, Popular e Tecnologias Sociais da UESPI. Desenvolve atualmente pesquisas sobre mediações, questões comunicacionais do Sertão do Piauí, tecnologias atuais e tecnologias sociais. Bolsista de Produtividade Tecnológica da UESPI – Universidade Estadual do Piauí e da FAPEPI – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí. Diretor do LIAJ – Laboratório de Inteligência Artificial em Jornalismo da UESPI. E-mail: berti@uespi.br

pesquisador de Jornalismo, por mais da metade de minha vida, a sensação diária de apresentar-se respostas sobre a área bem como suas sociabilidades, torna-se a principal justificativa de apresentar-se este estudo, atualmente em voga (por conta da própria dinamicidade do fenômeno), mas isolado temporalmente no acompanhamento sistematizado, via etnografia das redações de como temos visto, na prática, os impactos da Inteligência Artificial generativa no mundo do trabalho, tendo-se como lócus de experiencição as redações jornalísticas do estado do Piauí, tendo-se como recorte as que têm mais de 20 profissionais em seus quadros.

Busca-se compreender, ver na prática e oferecer respostas sobre a implantação, cada vez mais constante e quase usual de sistemas de I.A. (como também chamamos as inteligências artificiais) e as mediações informacionais.

Problematiza-se a partir do questionamento de como ocorre esse processo e como ele tem impactado os profissionais e seus respectivos labores e quais as lições podem ser tiradas de todos esses processos.

O interesse por lincar as questões do labor jornalístico com as questões da Inteligência Artificial advém de estudos empíricos via ações na Universidade Estadual do Piauí (UESPI) em Teresina, capital piauiense. Desses trabalhos há três ações práticas: o livro ChatGPT: evolução ou fim do Jornalismo? (Berti, 2023); o livro Jornalismo e Inteligência Artificial (Berti, 2024) e a implantação do LIAJ – Laboratório de Inteligência Artificial em Jornalismo.

Metodologia

A escolha da etnografia das redações, dá-se, principalmente, pela cobrança dos próprios jornalistas do estado no sentido da Academia, principalmente a pública, em dar mais respostas sobre os fenômenos contemporâneos. Com uma ampliação cada vez mais de profissionais oriundos das universidades, as reflexões aprendidas nos bancos escolares, têm trazido também preocupações mercadológicas.

As questões de etnografia das redações são refletidos por Isabel Travancas (2010) ao destacar a importância de haver uma vivência de entendimento sobre as rotinas próprias da área em apurar e divulgar informações. A autora (*op. cit.*) destaca que a etnografia ajuda a compreender, por meio de entrevistas, investigações, vivências e observações no campo, o funcionamento do próprio trabalho jornalístico, podendo notar a própria relação entre os profissionais, seus pares e o pensamento da própria empresa em

que trabalham. Lívia Vieira (2018) diz que a etnografia instiga para chegarmos a uma generalização teórica e mais próxima do que podemos observar, sendo importante a entrada do pesquisador na redação, a duração do tempo da pesquisa de campo, bem como as observações em si e as relações com os jornalistas.

Trata-se em livros de nossa autoria (Berti, 2023; 2024) sobre a própria necessidade de um acompanhamento mais sistematizado sobre as questões da pauta, da apuração, da edição e da veiculação e notamos o quanto a Inteligência Artificial tem encrustado no dia a dia das próprias rotinas produtivas redacionais.

A decisão do acompanhamento e da etnografia das redações começou após o lançamento de ChatGPT: evolução ou fim do Jornalismo?, no meio de 2023. Entre o segundo semestre de 2023 e o primeiro semestre de 2024, totalizando dez meses sistematizados de etnografia das redações, visitou-se 85% das redações do Piauí com mais de 20 pessoas na equipe, procurando-se acompanhar, de uma maneira sistematizada, o trabalho do dia a dia das redações, compreendendo, principalmente, os impactos da Inteligência Artificial generativa nesses processos.

Para este trabalho, a sistematização desses dez meses elenca mais de cem visitas e acompanhamentos e a possibilidade de observações a serem refletidas na parte analítica.

Os tratamentos dos dados fazem parte de manuais sugestivos, sistematizando todas as observações e pontos comuns, bem como exemplos emblemáticos e preocupantes da utilização desses sistemas.

Fundamentação teórica

O que faz os sistemas de Inteligência Artificial serem tão popularizados contemporaneamente, inclusive com forte inserção no mundo jornalístico? Tudo isso é fruto de interesse coletivo ou da apresentação de novos, e cada vez mais modernos, produtos sobre a área? Estamos realmente em preparação para compreender e agir correlacionados com tudo isso e na incrível velocidade de todas essas perspectivas?

Lúcia Santaella (2023) questiona se realmente a Inteligência Artificial é inteligente ou é apenas mais uma, entre tantas modas, com idas e vindas a cada parte de cada década? A fala da autora é mais que necessária para que não achemos que os sistemas de I.A. são a chave para tudo.

Camila Feiler (2023) destaca que a Inteligência Artificial marca uma nova era e que ela transforma a interação, facilitando uma série de processos, principalmente

pensados para nossa contemporaneidade. Ou seja, ao contrário de Lúcia Santaella (2023), Camila Feiler (*op. cit.*) destaca uma pontuação mais otimista sobre os sistemas. É um fato que ao termos um contato mais profundo com os sistemas de Inteligência Artificial e suas maravilhas de respostas rápidas, mudamos nossa forma de vivenciar e sentir o que é mediado, seja ele em termos educacionais, jornalísticos, de saúde, ou de qualquer outra área. E é fato de que ela tem se expandido mais e mais a todas as áreas.

Salomão Farias (2023), em uma experimentação com a utilização de sistemas de I.A., para uma provocação acadêmica, diz que há um pânico na própria universidade (principalmente nos locais e áreas ainda não tão afeiçãoadas com as questões tecnológicas), principalmente pela utilização de sistemas do tipo para a feitura de trabalhos científicos. O autor (*op. cit.*) e questiona quem é o dono da informação a partir do momento que há uma mediação via computadores e se, a partir do momento que sistemas de Inteligência Artificial generativa fazem pelos cientistas, a Ciência é do computador ou da pessoa?

Jean Prado (2023), ampliando os horizontes dos debates e já entrando nas classificações e evoluções do assunto, enfatiza que a Inteligência Artificial é dividida em duas partes: a simbólica e o connexionismo. A primeira é ligada às questões psicológicas, mais humanas. A segunda tem conexão com as redes neurais artificiais, vindo da neurofisiologia, que é um dos grandes desafios contemporâneos de entendimento sobre as I.As. e que têm gerado mais discussões, justamente pela propensão dos aprendizados de máquina.

Flávia Oliveira (2024) diz que as Inteligências Artificiais estão ligadas a diferentes tecnologias, sendo capazes de: ter percepção de funcionalidades de aquisição e processamento de imagens, sons e voz; compreenderem, com o processamento de linguagens naturais e mecanismos que entendam e analisem as informações; e agirem, por meio de tecnologias, adotando ações no mundo real, sendo grande exemplo disso os pilotos automáticos.

John Haugeland (1989) diz que a Inteligência Artificial esforça-se para fazer computadores pensarem e as máquinas terem mentes, no sentido total e literal. Ele foi um dos autores a mais predizer fatos, constatados mais de 30 anos depois e que, tem suas razões de ser e existir em uma contemporaneidade multiconectada, multipluralizada, mas com sérios problemas de debate sobre as perspectivas laborais.

Principais resultados e contribuições da pesquisa e rumos conclusivos

Conclui-se, principalmente, que, assim como houve uma revolução na chegada nos primeiros computadores às redações, bem como na conexão via Internet e depois da popularização de sistemas de busca, principalmente capitaneados pelo Google, os sistemas de Inteligência Artificial generativos estão ganhando forte espaço nas redações ou têm instigado empresas de assessoria de comunicação a passarem materiais para as redações praticamente totalmente feitos por sistemas do tipo.

Enquanto nas redações ainda existem polêmicas sobre I.A., nos ambientes das assessorias de comunicação é praticamente uma regra, ao menos no estado do Piauí.

Negar a presença dos sistemas de I.A. é negar o próprio Jornalismo e suas transformações.

Um ponto que o estudo, que permanece com vivências redacionais, ao menos em ambientação do Piauí, é que os mais jovens, principalmente abaixo de 25 anos, têm uma maior inserção e uma quase total utilização dos sistemas de Inteligência Artificial nas redações, enquanto os jornalistas com idade entre 26 e 35 anos, que fazem parte da geração que participou da mudança de século, e alguns com quase uma década de profissão, têm utilizado menos os sistemas de I.A.

Já os jornalistas com mais de 35 anos, cada vez mais raros nas redações acompanhadas, pouco, ou quase não utilizam os sistemas generativos, mas não porque não saibam, a maioria acompanhada, inclusive lê muito sobre o assunto, tendo forte poder de entender, mas continuam pregando, e prezando, pelo jornalismo mais do cara a cara e das vivências, enquanto os de menor idade (com maior inserção ou totalidade de inserção nos sistemas de I.A.) pouco têm vivenciado o jornalismo de campo.

Os mais novos em idade e experiência têm passado mais tempo de utilização de I.A e nota-se que muitos já tem esses sistemas internalizados em seus labores diários. Observa-se também que esse público, composto em sua maioria entre estagiários e recém-formados, se submetidos a uma proibição ou a casos em que a Inteligência Artificial ainda não é capaz de solucionar, terminam não sabendo executar determinadas atividades jornalísticas, o que coloca como mais frágeis nos próprios processos de substituição pelos sistemas de Inteligência Artificial, principalmente nas questões da máxima: de colocarmos todas as nossas atividades jornalísticas para as máquinas realizarem, principalmente nas questões de mediações informacionais, levando-se em conta suas maneiras de pautar, apurar, editar e veicular: precisaremos de humanos nesse processo?

O cerne da questão (e bem a título de provocação) ao menos pelo que temos vivenciado nesse experimento é que a Inteligência Artificial continuará sendo coadjuvante se for muleta, se for uma perspectiva de ferramenta; já se for fim, é o início do fim de muitos postos de trabalho e, ao contrário de outras novidades tecnológicas, bem abastecido pelas próprias vítimas, que dia após dia, praticamente de maneira intencional, transformam esses sistemas em algozes na substituição dos postos de trabalho.

Os postos, em sua maioria, serão substituídos e as redações com muitos membros (algo que já vem ocorrendo, ano após ano neste século XXI) serão um instrumento do passado, principalmente porque as empresas são altamente artífices em apoiar esses processos de substituições.

Referências

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **ChatGPT: Evolução ou fim do Jornalismo**. Teresina: EdUESPI, 2023.

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **Inteligência Artificial e Jornalismo**. Teresina: EdUESPI, 2024.

FARIAS, Salomão Alencar de. **Pânico na academia**. Inteligência Artificial na construção de textos científicos com o uso do ChatGPT. Maringá: Revista Interdisciplinar de Marketing, v. 13, n. 1, 2023, pp. 79-83.

FEILER, Camila Petry. **Inteligência Artificial: entenda como chegamos ao ChatGPT**. 2023. Disponível em: <https://abre.ai/jynw>. Acesso em: 02.jan.2024.

HAUGELAND, John. **Artificial Intelligence: the very data**. New York: Bradford Book, 1989.
OLIVEIRA, Flávia. **História da Inteligência Artificial (IA)**. Disponível em: <https://tinbot.com.br/blog/historia-da-inteligencia-artificial-ia/>. Acesso em: 19.fev.2024.

PRADO, Jean. **A inteligência artificial é mais antiga do que você imagina**. 2023. Disponível em: <https://tecnoblog.net/especiais/inteligencia-artificial-historia-dilemas/>. Acesso em: 01.jan.2024.

SANTAELLA, Lucia. **A inteligência artificial é inteligente?** São Paulo: Edições 70, 2023.

TRAVANCAS, Isabel. **Etnografia da produção jornalística** – estudos de caso da imprensa brasileira. Brasília: Brazilian Journalism Research, v. 6, n. 2, 2010, pp. 83-102.

VIEIRA, Lívia de Souza. **Etnografia como abordagem teórico-metodológica em estudos de crítica de mídia.** São Paulo: Revista Rumores, v. 12, n. 23, 2018, pp. 128-152.